

Mariano Gago, um fazedor de pontes

Ana Filipa Candeias

Arquivo de Ciência e Tecnologia da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

www.act.fct.pt

Entre ciência e senso comum, uma das marcas distintivas da ação política de Mariano Gago como pedagogo e administrador público de ciência foi a transparência com que defendeu o propósito de – a par do robustecimento do «sistema científico e técnico nacional» –, socializar a ciência, consciente de que – num país de pequena dimensão com magra tradição de produção e mecenato científicos –, uma ciência que não fosse acarinhada pelos cidadãos comuns, que não entrasse nos hábitos dos jovens através da curiosidade estimulada por um ensino de claro alinhamento experimental, que não dialogasse à escala global, jamais teria condições de ser aceite como destinatária legítima de uma parte do investimento político e do esforço de financiamento público, sobretudo em épocas de escassez de recursos. Mariano Gago deu pois particular atenção ao ensino experimental e à divulgação das ciências no conjunto do tecido cultural ao defender a necessidade de *«colocar a ciência – pelo menos alguns dos seus resultados e uma parte dos seus métodos, ao alcance de não-cientistas»*¹, ou seja, batendo-se por uma intensificação das trocas entre esferas da produção cultural e da ação pública, protegendo também *«o papel da história da ciência nos currículos do ensino científico para demonstrar em que medida a educação científica tem as suas raízes na sociedade»*².

Recordamos este mês a figura de mediador das ciências que foi Mariano Gago, recuperando o discurso que proferiu aquando da tomada de posse como presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, em 9 de maio de 1986, cumpridos assim 30 anos desde que o professor catedrático do Instituto Superior

¹ Tradução livre de Gago, José Mariano (1991): L'avenir de l'enseignement scientifique général ; in Impact : Science et Société, nº 164, UNESCO ; p. 307-312.

² Idem, p. 308.

Técnico abraçou a carreira de gestor público da ciência em Portugal – caminho que alguns anos depois (1995) haveria de o catapultar à ribalta num novel Ministério da Ciência e da Tecnologia. Num discurso de 10 páginas, lido perante o ministro do Plano, Luís Valente de Oliveira, o Secretário de Estado da Investigação Científica, Eduardo Arantes e Oliveira, e o vice-presidente da Junta, Mário Abreu, Mariano Gago fez questão de introduzir a palavra «criatividade» no léxico das dissertações institucionais sobre política científica, insistindo na necessidade de inscrever Portugal na rede mundial de «*produção de ideias*», «(...) [n]a ideia de Portugal como país produtor de bens onde se incorpore (...) inteligência e criatividade» recusando «a hipótese de colocação irremediável do país na orla dos territórios subdesenvolvidos e colonizados»³. Ciente de que «a criatividade e a inovação só se programam até certo ponto»⁴, acérrimo defensor do lugar da ciência na cultura a par da responsabilização dos produtores de ciências, insistiu no papel essencial que nesse processo caberia à comunicação e à educação científicas. A JNICT, organismo que veio então a dirigir e para o qual reclamou uma missão central e tríplice de coordenação, planificação e avaliação -, foi a sua grande plataforma de ensaio a partir da qual lançou as Comissões Coordenadoras de Investigação e outros grupos de trabalho especializados como o «Núcleo de Divulgação Científica e Técnica»⁵. Foi aí também que promoveu as «Jornadas Nacionais de Ciência e Tecnologia» (1987), a que pretendeu atribuir uma dimensão de fórum público aberto e com caráter regular. Sem esquecer os alicerces já estabelecidos pelos seus antecessores, entre os quais se contavam o malogrado José Mendes Mourão que Mariano Gago vinha substituir, logo se propôs adaptar a Junta a

³ Gago, José Mariano (1986): Discurso proferido no acto de tomada de posse como presidente da JNICT»; ex. polic., Processo PT/FCT/JNICT/DSGA-RPE-SP/001/0031/132, Arquivo de Ciência e Tecnologia, Fundação para a Ciência e a Tecnologia; p. 1.

⁴ Idem, p.5.

⁵ Este Núcleo foi criado por Despacho Interno de 17/6/1986, na dependência direta do presidente da Junta, tendo como fins «incrementar a divulgação científica e técnica e a sensibilização [pública] à ciência», a «edição e difusão de um boletim de divulgação científica e técnica», ações de «estímulo do jornalismo científico», o «lançamento futuro de museus vivos da atividade científica contemporânea» e a «formação de animadores científicos», a «problemática da divulgação científica» num todo comprometido com a comunicação social. Não por acaso, o Núcleo foi constituído com três jornalistas, o último dos quais *designer* gráfico e fotógrafo, respetivamente José Vítor Malheiros, Rui Martins e Jorge Lima Alves, para além do próprio Mariano Gago. Ver: Despacho Interno nº 9/86 de 17 de junho, processo individual de José Mariano Rebelo Pires Gago, PT/FCT/JNICT/DSGA-RPE-SP/001/0031/132, Arquivo de Ciência e Tecnologia, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

uma organização mais flexível e dinâmica assente em gabinetes com funções especializadas, tais como lhe surgiam necessárias para os fins que considerava imprescindíveis: a «*dinamização das relações com o meio científico e tecnológico*»⁶, o estudo orientado para a «*a criação de uma agência especializada no fomento da criatividade e inovação (...) especialmente vocacionada para a valorização industrial de patentes e inovações, (...) para o estímulo à divulgação e à resolução de problemas industriais que requerem trabalho de investigação ou inovação*»⁷. Num outro plano merecem igualmente ser lembradas as iniciativas que visaram reforçar a presença portuguesa nos fóruns internacionais mais significativos da época como a Agência Espacial Europeia ou o Programa Nuclear da CEE. Numa nova conjuntura nacional e internacional, a chegada de Mariano Gago à presidência da JNICT veio acelerar a promoção de uma cultura informacional de rede e de partilha entre instituições, laboratórios, unidades de investigação, universidades e politécnicos.

Referimos no preâmbulo como Mariano Gago teve como preocupação primordial resolver o défice de educação científica e experimental da população portuguesa em geral e da população estudantil em particular. Essa preocupação acompanhou-o em diversos momentos da sua vida e no discurso de 86, ficava novamente plasmada ao conceder à «*dinamização do ensino experimental... [a] grande prioridade estratégica a empreender em colaboração com o ministério da educação e com as sociedades científicas*»⁸. Uma ideia que haveria de reiterar alguns tempos depois no seu «*Manifesto para a Ciência em Portugal*» (1990), gizada numa estratégia em quatro andamentos: educação, internacionalização, comunicação, monitorização. Adiadas umas, cumpridas outras, porquanto sobre o mais ambicioso programa de ensino experimental das ciências que tanto defendeu, só timidamente tem entrado nas escolas portuguesas, pese embora os meios didáticos e as redes de difusão do conhecimento de que o país hoje dispõe. Foi aliás o próprio Gago que, já como

⁶ Gago, José Mariano (1986): Discurso... , p. 7.

⁷ Idem, id.

⁸ Enfileirada com esta foi a sua proposição para a conceção de um «Exploratório» que fosse um «museu vivo das ciências contemporâneas». Nesse Exploratório bem como na instituição do referido «Núcleo de divulgação científica e técnica» podemos situar a génese do que viria a ser a rede nacional de centros Ciência Viva. Ver Gago, José Mariano (1986): Discurso..., p. 8.

ministro da ciência e da tecnologia – promotor de largo fôlego das Tecnologias da Informação como tecnologias do conhecimento, através das iniciativas do «*Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*» que deu forma e impulsão a programas emblemáticos como «*Internet nas Escolas*», «*Espaços Internet*» ou a certificação de competências básicas em Tecnologias da Informação –, o constatou ao comentar o advento dos computadores nas salas de aulas, alertando desde logo para o «*non-sense*» de crer que este por si só poderia simular e substituir a experimentação prática. E de facto, a nova cultura de «*power-points*» e informações modeladas em imagens bidimensionais, disposição que entretanto se vulgarizou na salas de aulas de hoje, como o próprio admitia então, de pouco mais serviria do que para reiterar o mesmo modelo estático de aprendizagem, em quase tudo contrário à experimentação científica⁹. Foi assim com inteligência irónica que meditou o paradigma da Aldeia dos Macacos, ou seja, de um acrítico «*macaquear sinais exteriores da cultura e da prática científica (...) sem lhes penetrar o sentido nem proceder à aprendizagem sistemática dessas práticas (...)*»¹⁰.

Foi assim no conhecimento pleno do défice de cultura científica na cultura geral da população portuguesa aferido anos mais tarde (1996), através de um amplo inquérito realizado sob a condução do Observatório das Ciências e das Tecnologias, que Mariano Gago vislumbrou a necessidade de impulsionar as redes de conhecimento que proporcionassem um melhor «*entendimento público da ciência*»: o programa Ciência Viva foi o resultado desse esforço concertado para a criação de polos de conhecimento científico de base territorial local e regional, organizados em rede. Foi esse programa igualmente coerente com o seu desígnio de conferir à ciência portuguesa uma escala global, um lugar nos grandes consórcios europeus e mundiais, estratégia que teve um momento de grande significado político na Cimeira de Lisboa em março de 2000, e que

⁹ Gago, José Mariano (1991): L'avenir de l'enseignement scientifique général; in Impact : Science et Société, nº 164, UNESCO, p. 307 : «L'acceptation de l'ordinateur cache la nécessité de développer fondamentalement le rôle des activités expérimentales dans l'enseignement scientifique...».

¹⁰ Gago, José Mariano (1990): *Hardware, software, experimentação*; Manifesto para a Ciência em Portugal – Ensaio; Lisboa, Gradiva. P. 125.

o fariam afirmar: «*On a réussi à ce que la science et la technologie prennent pour la première fois une place privilégiée dans l'agenda politique...*»¹¹.

Graças a este entendimento Mariano Gago pôde desenvolver um conceito político de administração da ciência, ora virado para a cidadania e para a aproximação dos discursos científicos aos saberes comuns (um olhar antropológico em sentido próprio), por um lado, e de ecumenismo transnacional na contribuição que sempre ofereceu à confederação das ciências europeias em organizações formais, por outro. Foi também claro e assertivo na maneira como defendeu a obrigação de um «*questionamento da própria comunidade científica que a si mesma se deve comparar à de outros países e exigir – em paralelo como o reforço dos meios postos à sua disposição – uma crítica pública muito mais exigente do que no passado da qualidade da sua produção*»¹².

Se fosse vivo, Mariano Gago celebraria no dia 16 de maio 68 anos de idade. Passado um ano sobre o seu falecimento, não podíamos deixar de evocar o legado do homem de ação inspirado que foi, tendo deixado a sua marca nos últimos 30 anos da ciência que se fez em Portugal. Fazedor de pontes entre cientistas («*romper o isolamento*»), educadores («*renovar a educação científica*»), entre países («*internacionalizar a ciência portuguesa e europeia*»), e por fim, entre as formas do saber («*criar cultura científica*»). Podemos afirmar que um caminho foi efetivamente cumprido nas direções que apontou. Peter Tindemans que o conheceu de perto recorda-o¹³ como alguém a quem animava em primeiro lugar a própria ideia de movimento (social e cultural) para o progresso humano. Até na forma de estar na política, Mariano Gago foi físico – e o mesmo é dizer, antropólogo, considerando-se a antropologia como a física das ciências

¹¹ SA (2005): Portrait. Le chercheur et la société ou la double vie d'un physicien-citoyen. Ver referência completa na bibliografia final.

¹² Gago, José Mariano (1986) : Discurso...; proc^o PT/FCT/JNICT/DSGA-RPE-SP/001/0031/132, ACT – FCT.

¹³ Ver: Tindemans, Peter (2015): In memory of José Mariano Gago; Euroscience Newsletter post de 20/4, disponível em: <http://www.euroscience.org/news/in-memory-of-jose-mariano-gago/>

humanas -, homem do concreto, reverenciou acima de tudo a possibilidade de contribuir para a aceleração da transformação da matéria – a do conhecimento como a da realidade social.

Maio, 2016

Fontes consultadas

Bibliografia

Gago, José Mariano (1990): «Manifesto para a ciência em Portugal»; Lisboa, Gradiva. (disponível para consulta na Biblioteca da FCT)

Oliveira, Luísa Tiago de (2015): Entrevista “José Mariano Gago, estudante e dirigente associativo”. In *Análise Social*, 215, I (2.º), pp. 407-442. Pdf disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_215_ent.pdf

S/A. (2005): «Portrait. Le chercheur et la société ou la double vie d’un physicien-citoyen», RDT Info – Magazine de la Recherche Européenne, nº 44, Février 2005. Disponível em : https://ec.europa.eu/research/rtdinfo/44/print_article_2023_fr.html

Documentos de arquivo (disponível para consulta no ACT)

Arquivo José Mariano Rebelo Pires Gago: PT/FCT/MG.

Processo individual de José Mariano Rebelo Pires Gago, PT/FCT/JNICT/DSGA-RPE-SP/001/0031/132.